



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADE E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**IRACEMA FERREIRA DA SILVA**

**ESTUDO DO PÚBLICO VISITANTE DO MUSEU HANSEN BAHIA APÓS PLANO  
MUSEOLÓGICO 2010**

**CACHOEIRA  
2016**

**IRACEMA FERREIRA DA SILVA**

**ESTUDO DO PÚBLICO VISITANTE DO MUSEU HANSEN BAHIA APÓS PLANO  
MUSEOLÓGICO 2010**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Prof.<sup>a</sup> Mestre Cristina Ferreira  
Orientadora

**CACHOEIRA  
2016**

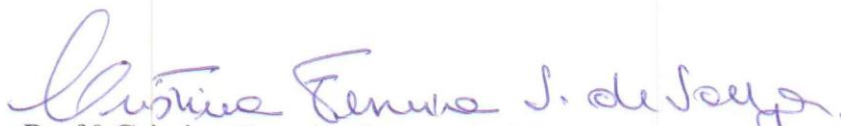
IRACEMA FERREIRA DA SILVA

ESTUDO DO PÚBLICO VISITANTE DO MUSEU HANSEN BAHIA  
APÓS PLANO MUSEOLÓGICO 2010

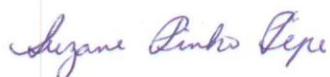
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 29 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Cristina Ferreira Santos de Souza (orientadora)  
Mestra em História – UFBA  
Professora da UFRB



Prof.ª Suzane Pinho Pêpe (membro interno)  
Doutora em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA  
Professora da UFRB



Bel. Jomar Lima da Conceição (membro externo)  
Graduação em Museologia – UFRB  
Gerente Técnico da Fundação Hansen Bahia

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA DO(A) GRADUANDO(A)**

IRACEMA FERREIRA DA SILVA

Ao(s) 29 dia(s) do mês de julho do ano de 2016 foi realizada a sessão pública de defesa de Trabalho Monográfico de Conclusão do Curso de Graduação em Museologia "Estudo do público visitante do Museu Hansson Bahia após Plano Museológico 2010"

de autoria do(a) estudante Iracema Ferreira da Silva.

O(A) Vice-Coordenador(a) do Colegiado do Curso de Graduação em Museologia (CGMus) instalou os trabalhos e os transferiu à Presidência da Comissão Examinadora, homologada pelo CGMus e composta pelos seguintes professores:

Leustino Ferreira Santos de Souza Orientador(a), presidente da Mesa,  
Suzene Teófilo de Pinho Leite (Membro interno do CGMus) e  
Jomar Lima de Conceição (Membro externo ao CGMus). Foi

realizada a apresentação pública do TCC, seguida dos questionamentos dos membros da Comissão Examinadora e da defesa pública pelo(a) estudante. Depois, suspendeu-se a sessão para reunião da Comissão Examinadora. Retomada a sessão, o(a) Presidente da Mesa realizou a leitura das notas atribuídas a cada aspecto pelos Examinadores, juntamente com o Parecer. Com base nas notas da Banca Examinadora, o(a) estudante em avaliação foi considerado(a) aprovado com média geral 7,5 (sete e meio), cujos pareceres seguem anexos. Emitido o resultado, a coordenação da sessão foi transferida a(o) Vice-Coordenador(a) do CGMus. Nada mais havendo de digno de registro, a Sessão Pública de Defesa de TCC foi dada como finalizada e Eu, professor(a)

Reita de Cassis Salvador de Sousa Barbosa, Vice-Coordenador(a) do CGMUS, lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim, pelos membros da Comissão Examinadora e pelo(a) graduando(a).

[Assinatura]  
Vice-Coordenador(a) do CGMus

[Assinatura]  
Orientador(a)

[Assinatura]  
Membro interno do CGMus

[Assinatura]  
Membro Externo ao CGMus

[Assinatura]  
Graduando(a) em Museologia

Quando a gente gosta do que faz, vai buscar o seu próprio aprofundamento:

Lançar Sementes

Adequação e desempenho.

Criar Laços

(IRACEMA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que plantou em meu coração a vontade de buscar conhecimentos mesmo quando a caminhada não fazia fácil.

Agradeço a minha mãe Maridalva Ferreira da Silva, hoje no mundo espiritual, que, incondicionalmente, devotou sua vida a mim e meus irmãos, mostrando através de exemplos e palavras que o amor, o caráter e o saber são pilares da vida.

Agradeço a professora orientadora Cristina Ferreira desta monografia, a sua paciência, preocupação, dedicação, esforço e compreensão. Sempre disponível, dividindo comigo um sentimento de entusiasmo. Espero mesmo ter correspondido às suas expectativas sobre o trabalho.

Agradeço muito especialmente a professora Suzane Pepe modelo de dedicação acadêmica e que muito contribuiu com suas orientações e incentivo, além de colaborar para a realização deste sonho, minha eterna gratidão. Muito obrigada.

Em especial agradeço a Jomar lima pelo incentivo, a confiança e credibilidade ao permitir a realização do meu estágio na Fundação Hansen Bahia. Sempre prestativo muito atencioso e colaborando com a construção deste trabalho monográfico.

Agradeço a querida irmã Deusiana que ao longo dessa minha existência sempre foi uma maravilhosa guia, acompanhando todos os mesmos passos, vigiando meus trilhos, não me deixando sair dos objetivos perante o curso de Museologia. Disponível a qualquer hora.

Agradeço ao meu pai Erasmo que me deu muita força e incentivo ao longo desta minha trajetória. Toda minha gratidão.

Agradeço a grande amiga irmã de fé Elma que sempre dividiu comigo sentimento de entusiasmo e incentivo.

Aos amigos: Lucivaldo, Artur, Ragel, Juliana e Jessé por enriquecerem meus conhecimentos no decorrer do curso de Museologia.

As amigas Sirlei e Uilma pela força, incentivo e ajuda significativa nos momentos que eu pensei em desistir.

Agradeço ao grande e ilustre amigo irmão de fé Luiz Eduardo que na reta final me deu uma força com palavras de ânimo, vibrações positivas e muitos incentivos.

Agradecimentos do tamanho da Transamazônica para Evamy e Márcia amigas especiais me ajudaram muito e muito no transcorrer do curso de Museologia.

## RESUMO

A pesquisa intitulada Estudo do Público Visitante da Função Hansen Bahia a partir da Implantação do Plano Museológico 2010, tem como finalidade principal, avaliar quem são os visitantes da Fundação in loco no período entre 2010 a 2015. Vale ressaltar que antes de tudo, deve-se repensar sobre o desenvolvimento como também estratégias que impulsionaram uma gama de integrações e/ou interações entre esta Fundação em análise e os sujeitos que fizeram parte da interlocução em determinadas **Ações Educativas**, que muitas das vezes, foram protagonistas em determinados momentos culturais. Assim, para chegar a um denominador comum, foi necessário avaliar o percentual numérico através de gráficos para se ter uma conclusão que remetesse ao visitante que mais frequentou o espaço cultural em estudo até os dias atuais, que teve como resultante, em totalidade as **Instituições Educacionais**. Foi observado também o aumento gradativo ano após ano, desses mesmos visitantes. Merece destaque o incremento da atuação **Didático – Pedagógico** que esta Fundação implantou de forma ativa e dinâmica voltada para o público literalmente, do processo educacional.

Palavras – Chaves: Fundação Hansen Bahia, Plano Museológico 2010, Ações Educativas.



## **ABSTRACT**

The survey entitled Public Study Away Function Hansen Bahia from the Museological Plan Implementation in 2010, has as main purpose to assess who are the visitors in the foundation place in the period between 2010 to 2015. It is noteworthy that before anything else, should be rethinking of development as well as strategies that have driven a range of integrations and / or interactions between the Foundation analyzed and the subjects that were part of the dialogue in certain Educational Action, which often were protagonists in certain cultural moments. So to reach a common denominator, it was necessary to evaluate the numerical percentage of two graphs to have a conclusion to refer to the visitor that most attended cultural space study to the present day, which was to result in all the educational institutions . It was also observed the gradual increase year after year, these same visitors. Also noteworthy is the increase in performance Didactic - Pedagogic this Foundation implemented actively and dynamic facing the audience literally the educational process.

Palavras – Chaves: Hansen Bahia Foundation ,Museológico Plan 2010 Educational Action

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FHB	Fundação Hansen Bahia
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PM	Plano Museológico
PQM	Programa de Qualificação em Museologia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 MUSEUS .....</b>	<b>14</b>
2.1 SÍNTESE HISTÓRICA E ETIMOLOGIA .....	14
2.2 ETIMOLOGIAS DA PALAVRA “MUSEU” .....	19
2.3 PANORAMA E DEMOCRATIZAÇÃO DOS MUSEUS.....	21
2.4 PLANO MUSEOLÓGICO-DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	23
2.5 COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA X PÚBLICO .....	30
<b>3 TEÓRICOS E APRESENTAÇÕES DOS INSTRUMENTOS.....</b>	<b>33</b>
3.1 SINTESE DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA.....	36
3.2 INTERFACES DO PÚBLICO VISITANTE DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA NA CIDADE DE CACHOEIRA .....	47
3.3 CONSTRUÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO 2010-FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA .....	48
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>52</b>
4.1 INTERFACES DO PÚBLICO VISITANTE DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA NA CIDADE DE CACHOEIRA .....	56
4.2 ANÁLISE DO GRÁFICO.....	58
4.3 DISCUSSÃO E RESULTADOS DE DADOS OBTIDOS.....	59
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico objetiva trazer uma fonte de conhecimento e, ao mesmo tempo, propor reflexões acerca de estudar e avaliar o público visitante da Fundação Hansen Bahia. No ano de 2013, várias atividades educacionais já estavam sendo desenvolvidas com: oficinas, seminários, concurso de redação, semana do folclore, lançamentos de livros; nesta fundação em foco. Existe a intenção de obter informações e dados precisos de forma clara e objetiva o progresso da Comunicação Museológica. Verificou-se então, neste momento, pesquisa e levantamento bibliográfico que faça *jus* ao tema proposto a ser desenvolvido.

A real motivação para desenvolver esta temática, é verdadeiramente, explicada pelas práticas culturais que estiveram presentes no percurso da atuação do meu estágio obrigatório do Curso de Museologia, nos períodos correspondentes entre 26/02/13 a 29/05/15, na Fundação Hansen Bahia. Foi o momento propício para aplicar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Museologia rumo à prática profissional de um futuro próximo. Então, lentamente, surgiu o anseio de aprofundar: conceitos, indagações, como também explicações contundentes sobre toda contextualização perante o significado real no que tange a esta área específica do campo da Museologia que é a Comunicação Museológica.

Na tentativa de dar substância ao trabalho, procurou-se discutir, ao longo dos textos pontos essenciais que visam atingir objetivos específicos a este trabalho monográfico:

- a. Investigar as implicações que cercam a interlocução entre as ações culturais museais e o público, conformados no município de Cachoeira, a partir de dados estatísticos, que serão demonstrados através de gráficos, confrontando o objetivo deste estudo.
- b. Dar amplitude ao trabalho, no intuito de se discutir pontos que divergem e/ou convergem quanto aos resultados encontrados nos gráficos. Sendo, portanto, resultantes essenciais de confronto para tema proposto.
- c. Analisar as diversas práticas culturais em que a Fundação Hansen Bahia vem desenvolvendo a partir do Plano Museológico 2010. Se a

comunidade de Cachoeira, Instituições Educacionais, turistas estão inseridos plenamente neste contexto em pauta.

Assim, dessas questões levantadas acima, tendo como base as discussões teóricas contemporâneas e locuções dos variados agentes envolvidas, este trabalho visa a dar ênfase às ações educativas que vêm sendo feitas pela Fundação Hansen Bahia, após a construção e aplicação do Plano Museológico 2010.

Para alcançar o objetivo indicado para este estudo, foi necessário subdividir em quatro tópicos distintos:

A história e etimologia dos museus seguindo do panorama democratização dos museus; por fim, a definição do Plano Museológico e Comunicação Museológica;

- Apresentação dos teóricos como também apresentação de instrumentos que servirão de base de sustentação para delinear o tema em foco. Em seguida, desenvolve-se um esboço da constituição histórica da Fundação Hansen Bahia; complementa-se este tópico com a implantação e construção do Plano Museológico 2010 e finalizando pelas interfaces do público visitante da Fundação em foco;
- Apresentação da análise de dados estatísticos;
- O desenvolvimento de todos os tópicos com as considerações finais.

O presente trabalho monográfico configura-se a partir de trazer uma fonte de conhecimento e, ao mesmo tempo, propor reflexões acerca do estudo e avaliação do público visitante da Fundação Hansen Bahia a partir do Plano Museológico 2010. Além disso, existe a intenção de obter informações e dados precisos de forma clara e objetiva de como decorre a Comunicação Museológica na Fundação em foco. Verificou-se então, neste momento, o levantamento bibliográfico que faça “**jus**” ao tema proposto a ser desenvolvido.

A real motivação para desenvolver esta temática, é verdadeiramente, explicada pelas práticas culturais que estiveram presentes no percurso da atuação do estágio obrigatório nos períodos correspondentes entre 26/02/13 e 29/05/13, na Fundação Hansen Bahia. Foi o momento propício para aplicar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Museologia rumo a prática profissional de um futuro próximo. Então, lentamente, surgiu o anseio de aprofundar: conceitos, indagações,

como também explicações contundentes sobre toda contextualização perante o significado real no que tange a esta área específica do campo da Museologia que é a Comunicação Museológica.

Tendo como base as discussões teóricas contemporâneas e locuções dos variados agentes envolvidas, este trabalho visa dar ênfase as ações educativas que vem sendo feita pela Fundação Hansen Bahia, após a construção e aplicação do Plano Museológico 2010.

Para alcançar o objetivo indicado para este estudo, foi necessário subdividir eu quatro tópicos distintos. O primeiro tópico sintetiza a história e etimologia dos museus seguindo do panorama democratização dos museus; por fim, a definição do Plano Museológico e Comunicação Museológica. O segundo tópico transpassa pelos teóricos como também apresentação de instrumentos que servirão de base de sustentação para delinear o tema em foco. Em seguida, desenvolve-se um esboço da constituição histórica da Fundação Hansen Bahia; complementa este tópico com a implantação e construção do Plano Museológico 2010 e finalizando pelas interfaces do público visitante da Fundação em foco. O terceiro tópico apresentação análise, discussão e resultados de dados estatísticos. O quarto tópicos conclui o desenvolvimento de todos os tópicos com a s considerações finais.

## **2. MUSEUS**

### **2.1. SÍNTESE HISTÓRICA E ETIMOLOGIA**

É perceptível quando existe um propósito para se estudar a história de todo um processo transitório em que os museus foram acometidos. Por quanto, sabe-se que para cada período da história, os museus adquiriram tendências diversificadas ao transcorrer dos tempos. Além disso, os museus tornaram-se espaços de variadas manifestações culturais como: pintura, literatura, música, dança dentre outros. Assim, quando se analisa o estudo diacrônico dos museus, certamente poderá existir a possibilidade, de fato, de se identificar e descobrir elementos de continuidade cultural na forma dos motivos artísticos que uma cultura transmuta a outra.

Segundo estudos, por muito e muito tempo, valiosas coleções de objetos originários de um dado continente, eram um tanto singulares de determinadas partes da Europa. Com o passar das eras, começa então a surgir os “**Gabinetes de Curiosidades**” como também as “**Galerias de Artes**”. Pode-se pontuar neste momento, o hábito de se colecionar objetos e/ou guardar peças de variadas expressões simbólicas em espaços reservados, restritos a um determinado público e a visitação de pessoas intituladas “cultas”, isto é, estudiosos e intelectuais. Desta forma, é correto afirmar que desde épocas longínquas, existiu um público seletivo para frequentar espaços culturais. Muitos autores reportam sobre a questão direcionada ao público adentrar aos espaços culturais ainda hoje.

Os museus, historicamente, foram criados por e para os setores dirigentes, na maioria das vezes com objetivos provenientes de saques e conquistas. Sua estrutura guardava, e suas mensagens ideológicas objetivavam a manifestação do *status quo*. (LEITE, p. 25 2009)

A primeira referência concreta que se tem registro, é que foi a Universidade de Oxford pioneira que abriu seu acervo a todos os seus estudantes e ao público em geral no Ashmoleanum Museum e que a França foi o primeiro país a utilizar a palavra museu como instrumento de formação do sentimento de orgulho nacional à proporção que apresentava à população as conquistas, a riqueza e a grandeza do seu país. Desta maneira, é admissível afirmar que os museus tornaram então, a ser símbolos de poder das nações intitulando-se como museus Nacionais; lugar aonde estudiosos procuravam ajeitar grosso modo “Biografia da Nação”. “O museu, portanto, desde sua inauguração, apresentou uma concepção de história que tinha a preocupação de fortalecer um novo tipo de nacionalidade.” (SANTOS, 1984 p. 16). Merece destaque neste desenvolvimento discursivo, inserir nomes de museus que, em certo período da história, permitiram a abertura ao público, sem o preconceito de ter em seus espaços museais um público elitizado, e/ ou que estavam exercendo de certa forma um determinado poder político, como também pessoas ditas “cultas”.

- Museu do Louvre
- Museu Hermitage
- Museu Clementino do Vaticano
- Museu do Prado

Segundo Santos: “Os museus como os teatros, salas de leitura, círculos literários, lojas maçônicas e outros espaços culturais em um primeiro momento, significaram a conquista em um “espaço público”, onde se exercitava um novo tipo de poder...” (SANTOS, p. 18, 2008).

Entretanto, sabe-se que a Revolução Francesa, segundo parecer de registros historiográficos, apressou a sucessão de mudanças em relação a criar o primeiro museu público na França; que remeteu a abrir os portões do Palácio do Louvre ao público. Porém, a visitação era apenas aos domingos, sendo que os demais dias da semana recebia turistas e artistas. Em função deste fato, uma comissão escreve e torna público um catálogo contendo obras que posteriormente foram apresentadas para se ter uma exposição. Foi então que se criou a Escola do Louvre pelo que se tem notícias, para se formar futuros profissionais de museus. O autor abaixo de forma clara e objetiva dá o parecer quanto à proposta naquele período do Museu do Louvre.

[...] podemos dizer, portanto, que as causas da criação do Museu do Louvre – instituição oficial de interesse público – foram o colecionismo da Monarquia, o trabalho científico dos pensadores e filósofos do Iluminismo e a ação democratizada da Revolução Francesa. (HERNÁNDEZ, p.25, 1994).

Por outro lado, os museus que estavam em torno ao ato de conceder a entrada do público; na realidade o que se pode observar, é que os espaços, encontravam-se abarrotados de artefatos dos mais variados períodos. O pior é que se podem considerar características desses museus de se ter: acúmulo de peças, ausência didática nas exposições, vaga ideia de identidade da palavra nação; além de não ocorrer diálogo na comunicação entre o público e os agentes designados para dialogar nesses espaços em foco.

A necessidade de organizar as expedições que a cada dia eram enriquecidas com novos objetos fez com que os **Gabinetes de Curiosidades** e os **Jardins** adotassem “uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os vivos”, traçando, desta forma, “uma nova maneira de fazer História”. (LOPES. 1998, p. 122).

No trecho acima, Lopes pretende enfatizar que a partir dos Gabinetes de Curiosidades os objetos não estariam mais ordenados, nem tão poucos um em cima do outro. No caso de uma exposição, os objetos ficariam visíveis e arrumados.



Assim essa nova maneira de **se fazer história**, ocasionou o interesse pela **História Natural** em todo o mundo, o que provocou o aparecimento de um novo profissional, o chamado naturalista, fazendo com que houvesse o começo de novos museus e procedimentos de classificação das ciências. Agora, verifica-se a época das **Expedições Científicas**. Surgem exemplares sobre a fauna, flora e dos hábitos culturais que foram colhidos e trazidos para os museus de história natural da Europa. A literatura histórica denota que os primeiros museus fixados na América Latina dominada pela Espanha retratavam a realidade da época de conhecimento enciclopédico como a necessidade de classificação das coleções; abordava também, o conjunto de História Natural composto por coleções de minerais, animais, plantas e ossada.

Historicamente, os museus, em especial os etnográficos, surgiram como centros de convergência de saberes científicos, comprometidos com a produção de conhecimentos. Hoje, mesmo sabendo-se que este papel não cabe primordialmente aos museus, não se pode desconhecer a sua função investigativa e a gama de possibilidade de estudos que seus acervos oferecem, em diferentes áreas. (JULIÃO, p. 9, 2009).

Julião (2009) pretende pontuar ao que se refere à ciência, da possibilidade de haver investigação contextual de várias áreas do conhecimento em determinada pesquisa. Sendo assim, a história faria a pesquisa dentro da história, a geografia seguindo o mesmo curso da história. O que importa é o resultado da pesquisa. Cada um dentro de suas próprias ciências. Não esquecendo, porém que de certa forma, uma área se completa com outras; é a chamada “Interdisciplinaridade”.

Quanto ao Brasil, o surgimento dos museus teve significações diferentes em relação a outros países. Então:

No Brasil Holandês, do século XVII, uma típica Casa de Salomão, ao estilo baconiano foi organizada e mantida por Maurício de Nassau em Maurício, na região do atual Recife. Lá foram construídos jardins botânico e zoológico, observatório astronômico e museu. (LOPES, p. 126, 1998).

É importante frisar que se tratando do Brasil, não se pode deixar de mencionar que o surgimento dos museus encontrava-se também entre as ações culturais proporcionadas pela vinda da família real segundo pesquisadores, em (1808). Posteriormente, há indício na história da criação do Museu Real,

denominado Escola Nacional de Belas Artes hoje, Museu Nacional de Belas Artes. Estudos inserem que mais ou menos em 1821, uma portaria é decretada oficializando a visitação pública apenas às quintas-feiras.

Na América Latina, os primeiros museus datam do século XIX. Mais do que a serviço da ideologia do colonizador, veiculavam ideias que objetivavam “trazer o que os seus idealizadores entendiam como progresso, no sentido positivista, a um país considerado atrasado” (ANGELI, p.10, 1993).

Sabe-se que no Brasil colônia, merece destaque, a criação das instituições museológicas no século XIX: Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Museu do Exército, Museu da Marinha e o Museu Paraense Émilio Goeldi. Porém, a partir do século XX, a quem pontue acerca do panorama cultural brasileiro; admitindo que os museus passaram de ambientes de contemplação para ambiente de caráter pedagógico, muitas vezes abertos para indivíduos que tinham interesses culturais, mas com o propósito de se fazer pesquisa. Nota-se então, certa intenção dos museus terem pretensões de um elo, isto é, estabelecer aproximação com o público, no século XX em pauta.

Além disso, as aceleradas transformações pelas quais passou o final do século XIX e início do século XX mediante das diversificadas invenções; pode-se afirmar fortemente que os museus acompanharam também todo um processo de mudanças significativas culturais. Assim, novos conceitos de exposições e estratégias surgiram. Apesar de que, neste período de tantas e tantas mudanças, os museus ainda eram locais sagrados ou até mesmo mausoléus que preservavam, pesquisavam e mostravam objetos unicamente para um grupo intelectualizado da sociedade.

No entanto, foi no transcurso do século XX, que ocorreu no Chile, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, encontro que plantou a ideia de museu integral. “instituição que levava em conta os problemas da comunidade, sendo um importante instrumento de mudança social, porém, os discursos dos museus ainda possuíam um caráter conscientizado.” (KOPTCKE,2005). Mais adiante, é que germina a ideia de museu como um sistema de comunicação com a Declaração de Caracas (Venezuela) e posteriormente, a Declaração de Quebec Seminário Internacional realizada no Canadá; onde enumerou princípios básicos dos procedimentos e conceitos do que viria a ser conhecido como “**Nova Museologia**”.

Os museus deveriam dar conta de toda uma diversidade no âmbito cultural que cada classe social denota no intuito de possibilitar uma maior integração entre o museu e o público. Desta forma, ao decorrer dos tempos, a significação da palavra comunicação em relação ao ato de conservar e expor nos espaços museais; apresentou mudança no que tange a comunicação com o público visitante, como também com o objeto exposto. Porém, hoje, ainda algumas instituições continuam com seus espaços museais imperativos, restritos a um determinado público, como ocorria no passado. Estes museus continuam com a simbologia de expor o "velho", a "traça" o "passado" e o "antigo".

## 2.2. ETIMOLOGIAS DA PALAVRA "MUSEU"

O conceito do vocábulo museu é indiscutivelmente reportado em diversos significados, por vários teóricos de áreas do conhecimento diferentes; dentre eles, como um lugar onde estão guardados coleções de objetos artísticos, científicos ou de outro tipo, que em suma contenham valor cultural. É válido pontuar que a tradição de se colecionar existiu desde épocas passadas. Por outro lado, deve-se considerar hoje, que os museus de certa forma, não estão mais limitados a expor apenas obras de artes. Atualmente, os museus se inserem nas seguintes tipologias:

Museus Tradicionais-São museus clássicos, cuja base conceitual é o objeto. Museu de território- A base conceitual é o patrimônio cultural e natural onde todo o conjunto encontra-se musealizado. Ecomuseu - é uma modalidade museu de território no qual a própria comunidade estuda, documenta, conserva, e interpreta o patrimônio integral de uma localidade ou território, como suporte da sua memória coletiva. Museu virtual e digital- Existe apenas em processo, na memória do computador e nele o homem tem uma relação particular com o tempo, o espaço e a matéria. Museu Global - É o próprio planeta Terra, entendido como patrimônio comum da Humanidade. (GONÇALVES, p. 68-69, 2002).

Vale ressaltar ainda que os museus apresentam outras tipologias além dos citados acima. Hoje, existem: Museu de Ciências e Tecnologia, Museu da Língua Portuguesa, Museu da Pessoa, Museu do Futebol, Museu ao ar Livre dentre outros.

Alguns teóricos atestam que o conceito de museu tem apresentado variações nos significados, isto é, vem adquirindo diversificadas contextualizações,

mas sem perder a carga semântica na posição da estrutura na palavra ao longo do tempo. Assim, este vocábulo em pauta foi de certa forma, adaptando-se a cada momento de cada época; percorrendo a linha histórica do tempo, que não se encerra nunca, por ser elástica e dinâmica.

Seguem abaixo várias denotações em relação aos significados da palavra museu de alguns teóricos:

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa Aurélio apresenta o seguinte significado para museu - sm. orig. templo das musas XVI ; ext. lugar destinado à reunião e exposição de obras de arte, de peças e coleções científicas, ou de objetos antigos etc. 1813. Do lat. Museum-i, deriv. Do gr.mouseion (de mousa “musa”) II **museologia** XX. **Do fr.** Museologie. Cp. MUSA. “O vocábulo museu é de origem grega mouseion e significa “templo das musas”, era usado em Alexandria especificamente o local destinado a prática das artes e das ciências.” (ROSÁRIO, p. 13, 2002).

É necessário ressaltar que cada segmento etimológico do vocábulo museu, vai estar inserido a depender do conhecimento empírico a que cada teórico pretende transpor a significação a depender das fontes de estudo a que se possa analisar. Por isso, o ICOM “Conselho Internacional de museus” apresenta a seguinte denominação:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos matérias e imateriais dos povos e seu meio ambiente. (ICOM, 2004).

Para Chagas *et al.* (2010), o museu pode ser percebido como espaços de socialização ou um ambiente que permite intensa interação social uma vez que pode proporcionar a seu visitante experiências de diversos tipos afetivos, sensoriais, intuitivas e cognitivas podem ser vivenciadas nos museus que, geralmente são locais que propiciam a relação entre os bens culturais e os seres humanos, o público.

Marília Xavier Cury, no início de seu livro *Exposição: concepção, montagem e avaliação* discutem sobre essa questão dos conceitos:

São muitos os conceitos que se relacionam à sua origem para analisarmos o seu contexto de aparecimento. São palavras às vezes parecidos que, quando

usadas, podem confundir. Musealização é uma delas. Temos outras: museal, musealisável, museável, musealisável e musealidade. De fato, às vezes nos deparamos com elas, colocadas em textos como partes do desenvolvimento de uma lógica museológica... (CURY,2006, p.22).

[...] museu é tudo o que ele contém pertencem ao património nacional, mais ou menos diretamente. Quer se trate de um retrato de Nattier ou de uma coleção de caixas de queijo, ou do trono rei Béhanzin do Daomé, butim de uma conquista colonial, esse património é definido pelo estatuto da instituição que o abriga. (VARINE, p. 173, 2012).

O conceito de museu não deve ser generalizado. Existiram, ao longo da história, museus com características e significados bem distintos. Por exemplo, o Mouseion de Alexandria, fundada por volta do III a., possuía alguns objetos, como esculturas utilizadas pela astronomia; um parque botânico e zoológico; salas de lazer, refeitórios e laboratórios para experimentos científicos; e ainda uma importantíssima biblioteca, que abrigava, entre outros, escritos famosos coletados por Alexandre, o Grande.

Segundo George HenriquRiviè, 1º diretor do Conselho Internacional dos Museus, define o museu como uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem.

### 2.3. PANORAMA E DEMOCRATIZAÇÃO DOS MUSEUS

Os museus no que tange a uma visão conjunta global fizeram parte de um caminhar de mudanças significativas como: regularização do estatuto, critérios perante selecionar produções artísticas, construção de Plano Museológico dentre outras.

Os museus, como os teatros, salas de leitura, círculos literários, lojas maçônicas e outros espaços culturais, em um primeiro momento, significam a conquista de um “espaço público.”, onde se exercitava um novo tipo de poder.

Assim, diversificaram as coleções nos museus, temas, perfis do público, maneira de se expor que verdadeiramente hoje, não remetem apenas às histórias nacionais aos ícones de produção artística com base eurocêntrica. Portanto, o

público visitante com o passar dos tempos, passou a ser induzido a refletir sobre o que estava observando e/ou assistindo, interagindo com que estava sendo exposto.

Por algum tempo, acredita-se que o essencial era construir centros de cultura ou incentivar a frequência a museu ou teatros, desenvolver políticas de facilitação de acesso à cultura que trariam, quase que automaticamente, uma resposta positiva da população antes exclusivamente, deste terreno. (BOTELO, p. 02, 2004).

O trecho acima discorre sobre o que acontecia nos espaços museais há certo tempo, torna eficaz a presença da população em direção à cultura. Porém, ainda hoje os museus continuam enfrentando grandes desafios, isto é, tendo de conservar acervos, difundir pesquisas através de exposições como também publicações, modernizar conceitos para poder caminhar com as inovações tecnológicas que abarcam os ambientes museais.

Quando à questão é mudança, em relação à contemporaneidade no que se refere à democratização dos museus, é necessário mencionar as novas formas de gestão, prioridade institucional e estilo de comunicação que tem de certa forma, cada vez mais, o público visitante nos espaços museais e sua frequência como valores essenciais de existência. Seguem abaixo tópicos que demonstram o panorama segundo Giselle Beiguelman sobre Museu Tradição X Tradição Inovadora.

O que se pode analisar agora, nestes tópicos, é a visibilidade panorâmica dos museus na atualidade. Hoje, a partir dos levantamentos estatísticos, observa-se que prevalece a tendência de dividir os museus de acordo com especialidades diferentes. Pois muitos museus estão estruturados com ferramentas tecnológicas, isto é, sites em que se podem realizar visitas virtuais, ou seja, conhecer acervos sem sair de casa; museus de arqueologia, arte contemporânea, pintura, escultura; sem deixar de mencionar as instalações que acontecem dentro de galerias de arte, museus e espaços expositivos ao ar livre.

Na verdade, encontramos nos dias atuais museus de todos os tipos, desde aqueles que abrigam as mais modernas inovações de nosso século e que recebem milhares de visitantes todos os dias, adaptados à sociedade de consumo em que se instalam, até bens pequenos, voltados basicamente para seu acervo original e comunidade mais próxima. (SANTOS, p. 16, 1984).

Um aspecto importante que concerne aos museus é quando existem referências de mudança, pretendendo neste momento, avaliar a medida que os profissionais de museus passaram a agregar aos objetos expostos, de um modo geral, o seu caráter documental, de testemunho acerca da sociedade e do patrimônio propriamente dito. Assim, sabe-se que na metade do séc. XIX, tornou-se freqüente a realização de várias exposições nas quais expositores apresentaram inventos tecnológicos, culturais e científicos.

“Na segunda metade do século XX, surgiu espaços para exposições de arte contemporânea através de mostras temporárias com as influenciadas transformações de linguagem”. Dessa forma, elas respondem ao problema da natureza efêmera da obra de arte. (GONÇALVES, p. 43, 2004).

Quanto ao Brasil, os museus de arte moderna e seu aparecimento neste século citado anteriormente, trouxeram de certa maneira, uma nova tipologia de apresentação das obras de arte. Sobretudo, novos museus aparecem também, é o caso da cenografia com o perfil se referido ao teatro, utilizando-se assim de cores e motivos ambientais. Nos espaços dos novos cenários em relação á arte, considera-se a questão da arquitetura dos museus, como também o seu papel na recepção estética.

Diante das ideias colocadas acima, pode-se afirmar que “Museus de arte podem abraçar manifestações artístico-culturais que se substantivem por meio dos movimentos, de suas relações bi/tridimensionais ou do som, tais como pintura, teatro, música, dança, desenhos, cinema, expressão corporal, fotografia, escultura etc... (LEITE, p.19-18, 2000).

#### 2.4. PLANO MUSEOLÓGICO- DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O Plano Museológico é um instrumento indispensável, para todo e qualquer espaço museal.

Compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento, e a priorização dos objetos e das ações de cada um das suas áreas

de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade..(DIMUS BAHIA, 2014)

Para a confecção do Plano Museológico, é indispensável a presença de um museólogo para a elaboração do mesmo.

[...] as ciências museológicas e ações museográficas têm amplas implicações na gestão do museu e somente profissionais com conhecimentos nessas áreas estarão em condições de pensar um PN que seja adequado às necessidades dos museus. (SCHEINER, p. 24, 1998).

A implantação do Plano Museológico teve relevância para todos os museus que aderiram o Estatuto e Regulamento. Tornou possível traçar diretrizes em vários setores que vão do administrativo até às ações culturais. Vale ressaltar, que foi nos anos 90, que as instituições museológicas começaram a repensar com mais eficácia e intencionalidade em relação à implantação do Plano Museológico.

Segundo Moraes (2009, p 66) afirma que os espaços museais já desenvolviam muitas dos direcionamentos quanto ao Estatuto de Museus antes de ser oficializado. Porém, Cândido (2012, p. 53) contrapõe ao declarar que poucos museus desenvolveram em suas práticas o que o Estatuto determinou sobretudo os museus que estavam situados no interior das regiões do Brasil.

Dessa forma é notório destacar a importância da declaração de Caracas que reuniu representantes do campo museológico da América Latina, UNESCO e ICOM, (1992), no intuito de se debater quanto à situação sobre questões que estivessem conexas a gestões dos museus. No sentido de se obter propósitos definidos a carta de Caracas, sugeriu que os museus determinassem sua missão, estrutura administrativa, método de avaliação permanente, planos e programas modernos fundamentados em um diagnóstico que tivessem metas a longo, médio e curto prazo; por fim que se possam trazer recursos públicos ou do setor privado.

Pode-se depreender que desde a década de 90, já existia intenções de se reformular como também, fazer mudanças quanto à maneira de condução de todo um processo de gestão que já vinha se mantendo nos museus a um longo decurso dos anos. Novos conceitos, procedimentos e estratégias de exposições eclodiam na



maioria dos museus, nesta década. Foi então que várias decisões tiveram que ser promulgadas, obrigando os museus a construir um Plano Museológico num prazo de quatro anos.

Quanto ao Brasil, Horta (2002, p. 33) declara que a tarefa de gerenciar, dirigir, conduzir, coordenar e promover o desenvolvimento dos museus se desenvolveu na prática de seus dirigentes, técnicos e administradores devido à carência de teorias, reflexões, críticas e avaliações sobre o assunto. Cury (2013, p. 35) não aceita o que Horta declara e pontua da seguinte forma: “O Planejamento Museológico é realização fundamental para que a instituição preencha um espaço social relevante. O Plano Museológico é ação integradora de todas as partes e elementos constitutivos de um museu, para sua organicidade.” (CURY, 2013, p. 35).

Ao reconhecer esta afirmativa, subtende-se que o ato de gerenciar requer entendimento de várias implicações necessárias para que se possa atuar nos museus. Porém, verifica-se que existe ausência de métodos que possam julgar toda a questão do gerenciamento.

Em 14 de janeiro de 2009, ocorreu o modelo de gestão para os museus brasileiros, em decorrência da lei nº 11.904, onde o Governo Federal instituiu o Estatuto de Museus. A lei possui setenta artigos distribuídos em cinco capítulos. Em seu primeiro artigo define o que é museu:

[...] instituição sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de prevenção, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (LEI FEDERAL nº 11.904/2009)

Neste sentido, a Fundação Hansen Bahia, que é o campo de estudo desta monografia, pode ser caracterizada como uma instituição museológica: de direito privado, sem fins lucrativos, mantida através de convênios com órgãos e da iniciativa privada. Além de promover atividades educativas, dando subsídios para pesquisas de estudantes e cursos de técnica e processos artísticos de xilogravura para iniciantes, lançamentos de livros, apresentações de corais e filarmônicas, mostra de artes de outros artistas, atividades em parcerias, através de convênios de cooperação mútua entre outras instituições e as prefeituras das cidades de

Cachoeira, São Felix e Muritiba. Por estes segmentos apresentados, pode-se pontuar que esta instituição em foco, está no paradigma da definição de museu apresentada pelo Conselho Internacional de Museus-ICOM (2001, p. 1).

Segue abaixo apresentação a Seção III do Plano museológico

Todo e qualquer Plano Museológico pode ser definido da seguinte forma: “É Compreendido como ferramenta básica de planejamento”. Esta afirmativa está pautada, na Seção III, Lei 11.904 de Janeiro de 2009, prescrita abaixo:

### Seção III Do Plano Museológico

Art. 44. É dever dos museus elaborar e implantar o Plano Museológico.

Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, construindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Art. 46. O Plano Museológico do museu definirá sua missão básica e sua função específica na sociedade e poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros.

Art. 47. O diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos;

II. A identificação dos espaços bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus

III. A identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus;

IV. Detalhamento dos programas:

a) Institucional;

b) de Gestão de Pessoas;

- c) de acervos;
- d) de exposições;
- e) Educativo e Cultural;
- f) de Pesquisa;
- g) Arquitetônico;
- h) de segurança;
- i) de Financiamento e Fomento;
- j) de Comunicação;
- k) de acessibilidade a todos as pessoas (Incluído pela Lei nº 13.146, de 2015) (Violência)

§1º Na consolidação do Plano Museológico, deve-se levar em conta o caráter interdisciplinar dos Programas.

§ 2º O Plano Museológico será elaborado, preferencialmente, de forma participativa, envolvendo o conjunto dos funcionários dos museus, além de especialistas, parceiros sociais, usuários e consultores externos, levadas em conta suas especificidades.

§ 3º O Plano Museológico deverá ser avaliado permanentemente e revisado pela instituição com periodicidade definida em seu regimento.

Art. 47. Os projetos componentes dos Programas do Plano Museológico caracterizar-se-ão pela exequibilidade, adequação dos distintos Programas, apresentação de cronograma de execução da metodologia adotada, a descrição das ações planejadas e a implantação de um sistema de avaliação permanente.

Sabe-se que os museus estão espalhados de maneira irregular pelas variadas regiões do país. Percebeu-se também que há uma distribuição imprópria de museólogos em todo o Brasil; visto que em determinadas regiões contratam profissionais necessários sendo que outras regiões apresentam deficiências. É necessário frisar que apesar do museu ter um museólogo, não significa que este profissional esteja preparado para à elaboração do Plano Museológico.

Cândido (2012, p. 57) diz que a carga horária dedicada às disciplinas ligadas a gestão de museus nos cursos de museologia referentes ao Brasil é insuficiente para preparar o profissional adequadamente. Em suma, sabe-se que o paradigma do Plano Museológico seguido pelo Brasil, teve influência de outras ferramentas de gestão tomadas por outros países. Sendo assim, o Plano Museológico decorre de

forma gradativa, isto é, estando referendado na legislação brasileira; segundo pesquisas científicas, desde 2006. Dessa forma, o Governo Federal e os Governos Estaduais têm possibilitado oficinas como também palestras de qualificação, no intuito de garantir adesão do Plano Museológico.

[...] o planejamento museológico não é apenas uma técnica com o objetivo de melhorar a ação dos museus. É, sobretudo, crescimento humano. É um processo educativo de ação e reflexão, que deve ser alcançado com a participação, tanto na fase de estruturação como de reestruturação da instituição [...]. (SANTOS, p. 14, 2007).

“É importante ressaltar que a cada dois anos têm sido realizados Fóruns Nacionais de Museus e nesses eventos, são apresentados minicursos e/ou oficinas de PNs ministrados por profissionais do (IPHAN/Ibram)”.

Merece destacar a III Jornada Brasil Espanha, no Rio de Janeiro, ocorrida em 2009, com a proposta de promover a cooperação entre profissionais dos dois países, intercâmbio e atividades conjuntas. A temática da jornada foi “Plano Museológico: Instrumento de Gestão”.

Já em 2001, o IBRAM criara o Programa de Qualificação em Museologia, onde foram administradas oficinas direcionadas ao Plano Museológico. Segue abaixo ementa da oficina do (PQM).

**Plano MUSEOLÓGICO: IMANTAÇÃO, GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS-** Conceitos de museu e museologia. Conceitos de projetos programa e plano museológico. O plano como trabalho coletivo: importância, vantagens e limites. Metodologia para elaboração e implantação do plano museológico. Identificação da missão institucional; finalidades, valores, metas e funções. Identificação de públicos e parceiros. Critérios para avaliação do plano museológico. O diálogo entre o plano museológico e a Política Nacional de Museus. Legislação e documentos institucionais: ata de fundação, decreto de criação, estatuto e regimento interno. Códigos de ética do Conselho Internacional de Museus e do Conselho Federal de Museologia.

Segundo legislação, a Estrutura e Organização do Plano Museológico se compõem em três partes que são:

a) Diagnóstico – Precisa ser elaborado com o conhecimento de todos os profissionais envolvidos no museu, proporcionando um vasto diálogo em relação à instituição, acervo métodos de como preservar e comunicar rotinas administrativas, investigar e compreender não somente o museu como também o universo a qual se insere a comunidade. Será necessário mobilizar a participação e cooperação de pessoas externas; com o objetivo de conseguir respostas que satisfaçam o diagnóstico. No entanto, por meio do diagnóstico; sendo bem organizado e/ou desenvolvido é que se poderá chegar a um planejamento institucional contendo: metas, estratégias dinâmicas que proponham prioridades limites e responsabilidades.

Segundo Cândido (2010), o diagnóstico seria a primeira etapa do processo de elaboração do Plano Museológico. O diagnóstico do museu é uma análise global da instituição que deve partir da compreensão do que é o museu e qual a sua atuação, com base num referencial teórico.

No trecho acima, Cândido deixa bem claro que a origem de toda metodologia no que concerne o Plano Museológico, está *a priori* no diagnóstico com aporte de referência teórica.

b) Missão – Entende-se que a missão está literalmente interligada com os projetos que seguem na maioria das vezes uma sequência lógica de ações como: finalidade, função, metas a serem alcançadas e público e/ou parcerias. Sabendo que é difícil atender de uma forma global todas as necessidades que cerca as instituições que desenvolvem atividades culturais. Para que a missão seja posta em prática, é preciso que haja discursões relevantes com o grupo operacional, os coparticipantes do museu, e o público externo; para que possam compreender as próximas ações culturais. Cury (2009, p. 3), a missão é a razão de ser de um museu, que ajuda a explicitar também a sua finalidade (relação entre o que faz e a demanda social, os públicos, os produtos e serviços e expectativas), orientando os esforços de todos no museu.

Cury pretende evidenciar a importância de se debater as intenções, ações, desenvolvimento de atividades como também orientar a questão de se ter empenho em relação a missão de todos que compõem os museus.

C) Programas – Segundo a legislação brasileira, o **Estatuto e Regulamento** divide as ações em relação aos museus em onze programas: institucional, gestão de pessoas, acervos, exposições, educativo e cultural, pesquisa, arquitetônico e urbanístico e urbanismo, segurança, financiamento e fomento, comunicação, sócio ambiental.

## 2.5. COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA X PÚBLICO

As rápidas modificações pelas quais o mundo passou no final do século XIX e início do século XX veio trazer dentre outros aspectos um novo conceito da palavra museu. Neste momento, os museus começam a ser inseridos em ambientes de estudo, interpretação e pesquisa; voltados para difusão cultural. Porém, mais a frente os museus passaram a assumir um relevante papel na educação e ainda, a se perceberem como um canal de comunicação em massa. “No texto A dimensão Pedagógica e Social do Museu, Mário de Souza Chagas, assegura que os museus precisam estar atentos ao entendimento do homem enquanto agente transformador de sua realidade”. A função dos museus é colocá-lo diante mesmo, de provocar a sua reflexão, apontar caminhos, mas deixá-lo livre para decidir o seu próprio destino. Então, verificam-se transformações dos discursos museológicos, que na realidade tinham como objetivo específico retratar o que estava contido nos museus para a sociedade, isto é: exposição, problemas do dia-dia, no que se diz respeito ao aspecto científico, cultural social ou econômico.

Assim, para que existisse sentido real e verdadeiro e mediador na interlocução de se ter um diálogo; verifica-se a narração museológica que permeia a interdisciplinaridade. Desta forma, a Museologia é estudada como uma área do conhecimento, que dialoga com outros campos da ciência como: Psicologia, Antropologia, História, Sociologia dentre outras. Porém, ainda nos dias atuais, a Museologia não é rotulada como uma disciplina ou campo ainda firmado.

Hoje, pode-se pontuar que novos conceitos de exposições como também estratégias ocorrem, onde o padrão de comunicação mais aceitável é dividido em quatro elementos: emissor- o que emite a mensagem, o receptor- o que recebe a mensagem, o receptor- o que recebe a mensagem, a mensagem- que é aquilo que

está sendo transmitido. Sabendo que é necessário existir a interação de comunicar e a possibilidade de uma interação de comunicar e a possibilidade de uma interação; é perceptível que haja comunicação no que tange os espaços museais com o público visitante.

Cury (2005) apresenta duas modalidades de comunicação utilizadas na contemporaneidade, ao que se refere as instituições museológicas. Primeiro modelo funcionalista, quando o emissor e o receptor são mostrados em posicionamentos diferentes no discurso. Segundo, interacionista, em todo processo comunicacional emissor e receptor, que antes estavam em posições desiguais, permanecem no nível de igualdade.

Paschoali (1996) como todo e qualquer ato de comunicação, a comunicação verbal também depende de um contexto que possibilite a verbalização: o emissor verbaliza pensamentos, emoções e fatos criados ou sugeridos por uma determinada situação. Ao ser verbalizado, a mensagem revela funções e estas funções variam de acordo como que o emissor pretende comunicar.

Uma das principais questões em relação à Comunicação Museológica e /ou Pesquisa de Avaliação de Público vem sido debatida, por diversos autores em determinadas obras. No entanto, a Comunicação Museológica e a Pesquisa de Público em relação ao seu designo parece fazer reflexões , no que tange a vertente da Museologia que de uma certa forma, aborda sobre à comunicação como também das formas de usufruto do museu e do seu público. Porém, reconhecendo que é público que dá formato social ao museu. A verdade é que todo um processo de comunicação em museus pode ser de repente, uma estratégia e possibilidade para que a instituição cultural venha alcançar a aproximação do público. “A comunicação é entendida como participação, informação, transmissão, ligação, passagem, conveniência e é uma das maneiras pelas quais os homens se relacionam entre si. É a forma de interação humana, realizada pelo uso de signos...” (SANTOS, p. 99, 2000)

Sabe-se que com o passar dos anos, determinados moldes comunicacionais foram tomados e moldados aos já existentes. Mas no decurso dos anos 60, verificasse um parecer de um molde semiótico onde aportes textuais e objetos da exposição eram considerados como um elemento da comunicação, isto é, o código, com o

objetivo de fazer com que o visitante do espaço museal tivesse a mais perfeita percepção da mensagem emitida.

Em suma, quando existe inferência sobre a Comunicação Museológica, é notório que se diz respeito às exposições, publicações e ações educativas que têm como uma das intenções; difundir a informação e também a pesquisa. Então, pode-se considerar, um denominador comum que deve estar presente em todas as funções de um museu.



### 3. TEÓRICOS E APRESENTAÇÕES DOS INSTRUMENTOS

Para realizar o **Estudo de Avaliação do Público visitante** da Fundação Hansen Bahia, foi necessário utilizar um método quantitativo de coleta de dados com a construção de dois gráficos.

A coleta de dados quanto ao número de **visitantes** e **frequência** que ocorreram na Fundação Hansen Bahia; após Plano Museológicos 2010.

O desenvolvimento do estudo monográfico transcorreu por duas etapas distintas:

#### 1ª. Etapa- Levantamento Bibliográfico:

Nesta etapa permitiu leitura, observações, análises e investigações de alguns teóricos como: Marília Xavier Cury e Mario de Souza Chagas que puderam explicar o porquê a quantidade do público visitante da Fundação Hansen Bahia, caminhou em ordem crescente a partir de 2010 e como avaliar o percentual de mudança em relação ao público visitante na cidade de Cachoeira, correspondentes aos anos de 2010 a 2015.

#### 2ª. Etapa- Coleta de dados:

Primeiro Momento- Foi avaliado o percentual numérico de visitantes para se ter explicações em relação ao quantitativo, como também frequência dos visitantes da Fundação Hansen Bahia; nos períodos citados acima.

Segundo Momento - Apresentação de algumas atividades propostas no (PM) 2010, na Fundação Hansen Bahia.

Terceiro Momento- Exibição de gráficos para comprovar variantes numericamente

Com a intenção de direcionar ou quem sabe, aperfeiçoar as formas de se organizar a comunicação das exposições. Entende-se inicialmente, os estudos, que admitiram identificar o público-alvo é de certo modo, querer aproximar, os visitantes

a fim de reconhecer a opinião dos mesmos, merecendo destaque então, investigar o modo pelo qual a visita se insere nas Instituições Culturais. Há indícios que os livros de visitas servem de certo modo, para se fazer estudo de caso; isto é, avaliar quem são os sujeitos que percorrem os espaços museais. Verdadeiramente, a pesquisa de público pode fornecer novas estratégias de comunicação museológica e significados no conteúdo de atingir um maior número de visitantes.

Em suma, uma das principais questões sobre a comunicação museológica e o público visitante no museu está em vários esboços no que se diz respeito às exposições, publicações de livros, ações educativas, que na realidade tem como diretrizes; a transmissão de informar e também servir de veículo para conhecimentos.

[...] Através de exposições, ações culturais, projetos educativos, publicações, banco de dados, o público tem acesso não somente ao conhecimento, mas as fontes utilizadas para sua produção, no caso o acervo, o que assegura às instituições museológicas o exercício simultâneo de seu papel científico, cultural e educativo. (JULIÃO, p.95, 2009).

É inegável que desde o seu surgimento, os museus adotaram uma função significativa perante a sociedade. No entanto, no início, os museus eram ocupados por determinadas classes sociais sem a preocupação maior desses de terem espaços com atividades educativas como também interlocução com a comunidade local. Assim, de modo geral, é correto afirmar neste momento, que apesar das peculiaridades em um contexto referentes ao processo de comunicativo, observa-se que a comunicação entre visitantes e instituições museais deve e tem que convergir sempre entre si. Neste contexto, Vitor (p.1, 2005) pontua que:

O novo paradigma da museologia, ao “descolar” o conceito de museu, do edifício para o território e do público para comunidade, derrubou radicalmente os “muros dos muros”, dando lugar a processos museológicos que emergem da comunidade; o museu e os museólogos passam a serem sujeitos sociais comprometidos com o desenvolvimento e os membros das comunidades e seus parceiros. A especificidade dos saberes profissionais contribui para a gestão de conhecimentos e a criação de novos diálogos com a comunidade.

O estudo do público visitante do espaço museu faz-se necessário saber determinar os tipos de avaliação primeiramente, para depois, avaliar quem são os

frequentadores destes espaços museais Segundo Cury (2006) os museus podem classificar em seis tipos de avaliação quanto ao público visitante:

1º. Avaliação preliminar- Ocorre durante o planejamento da exposição, levando dados sobre o impacto da exposição junto ao público.

2º. Avaliação formativa- ocorre na fase de desenho da exposição; levanta dados sobre a reação do público, por meio de protótipos. Ressalta-se que este tipo de avaliação interfere no curso de elaboração da exposição.

3º. Avaliação somativa que avalia o conhecimento do público em relação à exposição (percepção, aprendizagem, preferência e atitude).

4º. Avaliação técnica- que é realizada pela equipe encarregada do designer da exposição, colaborando para o refinamento técnico da equipe no que tange à concepção e execução do desenho da exposição e para o exercício da autocrítica.

5º. Avaliação do processo- que objetiva avaliar o processo de concepção da exposição.

Quanto à universalidade dos museus, Tavares(2005, p.49) explica que:

O museu deve ir para além de suas portas e interferir, ideologicamente, na percepção que a população tem de si mesma, da cultura que produz no seu cotidiano para que, assim consciente possa exercer com plenitude a cidadania.

### 3.1. SÍNTESE DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

A Fundação Hansen Bahia é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, mantida através de convênio com órgãos e da iniciativa privada. Com finalidade pública e proposta de atender as suas premissas a parti de sua criação, como também, desenvolver atividades voltadas para Belas Artes e xilogravuras que viesse ser a comunidade do Recôncavo Baiano. Porém, a (FRB) do ponto de vista legal passa a ter existência a parti de 14/04/76, onde foi criada a primeira Escritura Pública.

Segue abaixo objetivos da Escritura Pública:

Incentivo à atualização do potencial criativo, defender os bens culturais constituídos das tradições históricas, costumes, criações artísticas e literárias; realizações técnicas e científicas; divulgar manifestações de criatividade, estimulando a criação e o fomento através de instrumentos materiais, desenvolver, com a colaboração dos órgãos educacionais, e a educação cultural no município e nas regiões circunvizinhas. (ESCRITURA PÚBLICA DE CONSTITUIÇÃO, p.4, 1976).

Composição do Conselho Nato: secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Diretor da Escola de Belas Artes, Diretor da Fundação Cultural do Estado, Diretor do IPAC, Diretor do Instituto Goeth, Prefeitos de Cachoeira e São Félix, reitor UFRB, doi membros da família Costa Pinto.

Entretanto, a Fundação Hansen Bahia foi criada em 1976, pelo professor da Escola de Belas Artes da Faculdade Federal da Bahia (UFRB), Karl Heinz Hansen, reconhecido por Hansen Bahia que nasceu na cidade de Hamburgo na República Federal Alemanha em 1915, naturalizada brasileiro, casada, gravador, residente na cidade de São Felix-BA, aonde foi sua última residência.

O LEGADO DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DE (HANSEN BAHIA), FOI OFERECIDO EM UMA ESCRITURA EM BRASÍLIA, AO GOVERNO DA BAHIA E PARA O MUNICÍPIO DE CACHOEIRA (ATA 1983). NESTA OCASIÃO VÁRIAS PESSOAS ILUSTRES MARCARAM PRESENÇA COMO: O DR. AUGUSTO MASCARENHAS REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, O VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO ESTADO DA BAHIA. NO DIA TRINTA DE JULHO DE 1976, NO ENCERRAMENTO DO “I FESTIVAL DE INVERNO DE CACHOEIRA”,

CONCRETIZOU A DOAÇÃO NO SALÃO DA CÂMARA DE MUNICÍPIO. (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, 1983, P. 2). Porém a inauguração somente foi permitida devido o recurso liberado de um órgão que disponibilizou um valor para o funcionamento da Fundação na sua sede. No entanto, o prédio ainda não havia passado por uma restauração.

Foi inaugurada festivamente o seu museu com tudo instalado com verba do então DAC/MEC E TODA COMPREENSÃO DO Dr. Manuel Diegues Junior, seu Diretor, que tanto apoiou “{...} DISPONIBILIZANDO A QUANTIA DE QUATROCENTOS MIL CRUZEIROS, QUE FOI APLICADO EM MÓVEIS, MAPOTECA, MÁQUINA DE ESCREVER, PAINÉIS, EMOLDURAMENTOS DE XILOGRAVURAS E NA REFORMA DA SEDE PRÓPRIA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, SITUADA NA PRAÇA MANOEL VITORINO Nº 12.” (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, P. 2, 1983).

O professor e artista Hansen Bahia chega a óbito, em São Paulo, no dia 14/07/78, com 63 anos, no Hospital Sírio Libanês. (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, 1983). Sua esposa Ilse Hansen passar a viver sozinha na casa que viveu um período de tempo com Hansen Bahia. Resta nesse momento, dá prosseguimento aos projetos presentes nas obras de xilogravura, matrizes e pinturas.

Porquanto, além da sede em Cachoeira-BA, a Fundação também receberia a Fazenda Santa Bárbara em doação, composta do ateliê e todas as obras do acervo particular. A mãe de Ilse procurou concretizar a aspiração de sua filha; deu abertura ao processo na comarca de São Felix, datado em 31/10/1983.

Em outro momento, ÚRSULA OLGA ELISABETH STROMEIER, alemã, viúva, doméstica, com endereço nesta cidade, na Rua Bieniba, nº 1194- Patamares “{...} CEDE E TRANSFERE À FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, SOCIEDADE SEM FINS LUCRATIVOS, SEDIADA NA CIDADE DE CACHOEIRA, A POSSE QUE NA QUALIDADE DE HERDEIRA UNIVERSAL DOS BENS DEIXADOS POR SUA FILHA ILSE HILMA CAROLINE HANSEN, FALECIDA 05/06/83, ORA EXERCE SOBRE A FAZENDA SANTA BÁRBARA, SITA À RUA MARECHAL FLORIANO Nº 1 A 21-A, COM TODAS AS SUAS BENFEITORIAS E ACESSÕES, ENTRE ESTAS A CASA SEDE COM OBRAS, INSTRUMENTOS DE TRABALHOS, MÓVEIS E PERTENCENTES PESSOAIS DE ILSE E HANSEN BAHIA, ASSIM COMO OS ANIMAIS {...}.” (TERMO DE IMISSÃO DE POSSE, 1983).

AINDA EM 1983, FOI ADMISSÍVEL SE FAZER INTERVENÇÕES DE RESTAURO DAS MATRIZES, EMOLDURAR OBRAS E AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIO, QUE VERDADEIRAMENTE COLABORARAM DE CERTA FORMA, PARA O FORTALECIMENTO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS. PORÉM COM A CHEGADA DO DR. JOSÉ CARLOS CAPINAN, SECRETÁRIO DO ESTADO DA BAHIA, VEIO ASSIM FORTALECER A ESTRUTURAÇÃO DA GESTÃO. (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, P. 19).

Todavia, diversos entraves apareceram no decurso dos anos na Fundação Hansen Bahia, pois em 1988, o acervo passava por condições difíceis no que se refere à conservação, pois as obras de Hansen Bahia tinham sido deslocadas da sede em Cachoeira e arrumadas na casa Ana Nery.

É IMPORTANTE FRISAR QUE, COM O 4º ITEM DA ORDEM DO DIA FOI DISCUTIDO A SITUAÇÃO ATUAL DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA. FICARAM CLARO QUE SE PRECISAM MELHORAR AS CONDIÇÕES DO ESPAÇO DESTINADO À GUARDA DO ACERVO DA HANSEN BAHIA, POIS ONDE SE ENCONTRA HOJE NÃO PERMANECE. COM A PALAVRA A CONSELHEIRA GILKA SANTANA OPINOU SOBRE O ASSUNTO, DECLARANDO QUE NÃO CONSIDERA A CASA ANA NERY ADEQUADA PARA CONTINUAR ABRIGANDO TAL ACERVO. NA OPORTUNIDADE, OFERECEU-SE PARA FAZER UM ESTUDO TÉCNICO COM ORÇAMENTO PARA RECUPERAÇÃO DAS OBRAS MANTIDAS NAQUELA CASA. (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, P.28, 1988).

EM 1990, TOMA POSSE O DR. OSVALDO TEIXEIRA DE ALMEIDA, QUE EM SUA FALA DE POSSE COMENTOU, O PESAR PELO ESTADO DE ABANDONO EM QUE SE ENCONTRAVAM OS MUSEUS DO ESTADO DA BAHIA DIZENDO QUE FARIA O POSSÍVEL PELA FUNDAÇÃO. (ATA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, P. 38, 1990).

A partir de 1996, a Fundação passa por mais uma mudança de endereço; do Solar Ana Nery para Rua 13 de maio nº13 em Cachoeira-BA.

Por sua vez, o Diretor Dr. Osvaldo Teixeira de Almeida apresentou os móveis adquiridos para a Fundação e todas as novas instalações da mesma. Informou também que a Sede da Fundação irá funcionar neste novo endereço "{...} JUNTAMENTE COM A GALERIA O MUSEU E OFICINA DE ARTE, SERÁ FEITO UM COMODATO DE UTILIZAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES COM A

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO PELO PERÍODO CINCO (5) ANOS.” (ATA DA FUNDAMENTAÇÃO HANSEN BAHIA, P. 16, 1996,).

A reinauguração da Fundação Hansen Bahia ocorreu em 13/03/97. Tempo de um novo reinício. As portas serão abertas para o público. Porém possui estruturas provisórias e recursos limitados. Obras emolduradas e restauradas através do Governo do Estado.

O IPAC propõe parceria com a Fundação Hansen Bahia como também reorganizar acervo, climatizar duas 02, reservas técnicas climatizadas, sendo uma na Fazenda e a outra na Sede em Cachoeira. [...] já estamos informatizados e associados à internet, cerca de 150 obras restauradas e emolduradas. (ATA,198).

Convênios são constituídos com órgãos da Secretaria de Cultura e Turismo em consonância em relação ao Conselho, segue efeitos: “[...]A FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA REALIZOU AÇÕES BÁSICAS E FUNDAMENTAIS DE MANUTENÇÃO, PRESERVAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO ACERVO COM MAIS DE 1.00 (DEZOITO MIL) PEÇAS ENTRE GRAVURAS, MATRIZES, FOTOGRAFIAS, LIVROS, DOCUMENTOS DIVERSOS, UTENSÍLIOS, PERTENCENTES DOMÉSTICOS PESSOAS E MOBILIÁRIO. FOI DESENVOLVIDO UM TRABALHO DE CURADORIA, PELA PROFISSIONAL LEDA DÉBORA E A EQUIPE DE FUNCIONÁRIOS, DEU CONTINUIDADE A PEQUENA INTERVENÇÃO NA CONSERVAÇÃO DOS IMÓVEIS.’ (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, P.46-47, 2006).

Em 2010, a Fundação Hansen Bahia foi contemplada acerca do programa MONUMENTA que conseguiu restaurar a sede própria-Rua Manoel Vitorino nº 12 que faz parte integrante do quarteirão Leite Alves. Mas, devido à problemas de drenagem, não aconteceu a inauguração. (ATA DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, 2010).

Em 2011, aparecem as primeiras discursões para se implantar Plano Museológico e fazer parceria com a Universidade Federal do Estado da Bahia (UFRB), ficando encarregado de executar como também incentivar aproximação do museu e a comunidade. “[...] O PROJETO FOI ELABORADO ESPECIFICAMENTE PARA A MISSÃO DA FUNDAÇÃO QUE É DE RESGUARDAR, PRESERVAR E SALVAR GUARDAR AS GRAVURAS DO FUNDADOR E INSPIRADOR (...) QUE PARA MELHOR VALORIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARA COM A FUNDAÇÃO E FAZER COM QUE A COMUNIDADE SE SINTA PARTE INTEGRADA (...) ASSIM ELABORANDO UM PROGRAMA DE MOBILIZAÇÃO PARA A COMUNIDADE DO

ENTORNO, PROPONDO ENVOLVER A MESMA NAS DIVERSAS AÇÕES” [...].  
(ATA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA, PP.72-73, 2011).

Por fim, resta ressaltar parcerias que foram agregadas ao longo do tempo, à Fundação Hansen Bahia; permitiram avanços em vários setores como:

- Documentação Museológica
- Conservação e Restauração
- Difusão do Patrimônio da cidade de Cachoeira
- Ações Educativas

### **CONCURSO DE REDAÇÃO REALIZADO NO COLÉGIO ESTADUAL DA CACHOEIRA (2016)**

#### **ATIVIDADES EDUCATIVAS DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA**







**PREMIAÇÃO DOS GANHADORES DAS REDAÇÕES NA BIBLIOTECA NO COLÉGIO ESTADUAL DA CACHOEIRA**



**EXPOSIÇÃO  
MAIS QUE PROFANO, MAIS QUE SAGRADO 2014.**



**EXPOSIÇÕES 2013**





**ATIVIDADES EDUCATIVAS  
OFICINA DE XILOGRAVURA 2016  
FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA**





**COLÉGIO PIRLIMPIMPIM**  
**ATIVIDADE SÓCIO-EDUCATIVO HIGIENE BUCAL 2016**  
**FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA**





Hoje o prédio Hansen Bahia é próprio e fica situado na Rua Manuel Vitorino nº 12, foi caracterizado como Espaço Cultural Hansen Bahia e é disponibilizado à comunidade para: ensaios de bandas, palestras, exposições, ações sócias e educativas, grupos de danças; dentre outras atividades culturais.

A fazenda Santa Bárbara abriga a CASA de Hansen Bahia e um reserva técnica e peças para a história do museu.

Galeria/Museu Hansen funciona em Cachoeira e disponibiliza diversas salas para a UFRB.

### 3.2. INTERFACES DO PÚBLICO VISITANTE DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA NA CIDADE DE CACHOEIRA

É importante primeiramente, descrever que o município de Cachoeira é situado no oeste da Bahia de Todos os Santos, na zona litorânea, à margem do rio Paraguaçu no Recôncavo e foi denominada de Freguesia Nossa Senhora do Rosário (1674). Posteriormente se transformou em Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu segundo dados em (1698).

Vale ressaltar, que Cachoeira possui uma diversidade de manifestações artístico-culturais e foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1971. É considerado Monumento Nacional, com um magnífico acervo arquitetônico; além disso, esta cidade foi intitulada Heroica por ter exercido “um papel extremamente imponente para a Independência da Bahia (ARAÚJO, p. 67, 2008)”.

Observa-se então, que a cidade de Cachoeira possui uma diversificada gama de produções artísticas materiais e imateriais, com expressão cultural que ainda hoje, mantém viva a alma da multiplicidade e o espírito efervescente da sua população voltada para algumas manifestações de cunho religioso.

Por sua vez, a população cachoeirana de certa forma, não está em grande totalidade inserida nas atividades propostas nos espaços que demandam práticas Culturais. Fato observado e analisado na Fundação Hansen Bahia. Para Letícia Julião, em Pesquisa Histórica no Museu, pontua acerca da inserção de se ter comprometimento ao que se refere a questão social nos museus.

“Se o compromisso com o uso social do conhecimento constitui uma tarefa instigante nos museus, também impõe alguns desafios. Responsáveis pelas investigações que antecedem as exposições, os pesquisadores devem assegurar a comunicação de suas reflexões, tendo sempre a perspectiva da recepção pelo público dos resultados obtidos em seus trabalhos. Para isso é lidar com a especificidade da linguagem espacial e virtual.” (Julião, p.103, 2002)

### 3.3. CONSTRUÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO 2010 – FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

Este plano tem como incumbência geral: preservar, conhecer, refletir e difundir o legado artístico e cultural de Hansen Bahia, aplicando ações e prevenções, pesquisa e comunicação que evidencie a arte da gravura como referencial para o exercício da cidadania. No entanto, foi necessário especificar objetivos para que houvesse diretrizes que desse sentido a este plano.

- Projetar a Fundação e a obra de Hansen Bahia a nível regional, nacional e internacional.



- Transformar a Fundação Hansen Bahia em espaço de conhecimento, reflexão sobre a obra e formação de novos talentos na arte da gravura.
- Transformar, através da obra de Hansen Bahia, as cidades de Cachoeira e São Félix em pólos de excelência nacional e internacional na arte da gravura.
- Promover através das ações de pesquisa, preservação e comunicação, o diálogo entre o legado de Hansen Bahia e a comunidade.
- Promover atividades educativas que contribuam com o processo de educação não formal, interligando o acervo museológico com a rede de ensino público e privada, não só do Recôncavo, mas da Bahia e do Brasil.
- Incentivar e participar de movimentos e atividades culturais comunitários e de preservação do patrimônio material e imaterial.
- Promover o intercâmbio e a parceria com outros museus e instituições culturais e educativas nos âmbitos locais, nacional e internacional.

A partir da análise conjunta das atividades e ações da Fundação Hansen Bahia, realizada por todos os funcionários da fundação e a Comissão de Reestruturação, foram identificados os Pontos Fortes e Pontos Fracos

Segundo diagnóstico realizado pela comissão foi identificado os seguintes pontos fortes

**Pontos Fortes:**

- O acervo: o conjunto de obras legado pelos artistas Hansen e Ilse.
- Localização dos centros históricos de Cachoeira e São Félix.
- O Patrimônio construído pelos imóveis da Fundação nos municípios de Cachoeira e São Félix.
- O Patrimônio construído pelos imóveis da Fundação nos municípios de Cachoeira e São Félix.
- Disponibilidade de ampla área verde em torno do museu casa, que permite explorar aspectos de educação ambiental.
- Disponibilidade de área física para guarda e conservação do acervo.

Segundo diagnóstico realizado pela comissão foi identificado os seguintes pontos fracos.

**Pontos Fracos:**

- Falta de um sistema de segurança patrimonial.
- Precária condição de manutenção do acervo e dos espaços físicos da Fundação Hansen Bahia.
- Falta programa de capacitação e qualificação dos funcionários e mau aproveitamento dos recursos humanos.
- Falta de equipamentos adequados de informática e áudio- visual.
- Insuficiência de profissionais.
- Orçamento insuficiente para custeio, manutenção e execução de projetos.
- Falta de recursos financeiros próprios.
- Falta de estruturação e planejamento de recursos humanos.
- Alta de projetos que aproximem a instituição das comunidades de Cachoeira e São Félix.
- Falta de aproveitamento e adequação dos espaços para guardar e exposição dos acervos.
- Falta de um plano de market a nível nacional e internacional.
- Falta de um sistema de documentação do acervo, que permitam o manuseio e localização das obras.
- Falta de um sistema específico de classificação, conservação do acervo bibliográfico e documental e áudio- visual.
- Falta de programas destinados a formação de novos talentos para a xilogravura.
- Criação de espaços físicos específicos para pesquisa dos acervos.
- Dinamização da vida cultura do museu casa.
- Alta de aproveitamento dos espaços em torno do museu casa, para educação ambiental.
- Falta de eventos a nível nacional e internacional que projete as obras de Hanse e Ilse, e as atividades da Fundação Hansen Bahia.

- Falta a regularização jurídica dos imóveis da Fazenda Santa Bárbara.

#### **4. A METODOLOGIA APLICADA NA PRODUÇÃO DESTA PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA FOI DIVIDIDA EM DOIS MOMENTOS:**

1. Foi feito um levantamento bibliográfico e estudo dos cinco Documentos norteadores de prática museológica da atualidade são eles: SEMINÁRIO REGIONAL DA UNESCO SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS, ocorrido no Rio de Janeiro em 1958; MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE em 1972; PRIMEIRO ATELIÊ INTERNACIONAL DA NOVA MUSEOLOGIA na Cidade de Quebec no Canadá, realizado em 1984; REUNIÃO DE AXTEPEC ocorrida no México em 1984; REUNIÃO DE CARACAS ocorrida em 1992 na Venezuela; documentos que foram elaboradas no seio do ICOM – Conselho Internacional de Museologia; os textos: Museu do Desenvolvimento Sustentável: Um Museu Novo com ideias Novas, de 2000; Projeto Museológico do Centro de Cultura e Memória da BOVESBA de 2003 e projeto Museológico – Proposta de Reestruturação para o Museu Eugênio Teixeira Leal de 2005, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Maria Célia Teixeira de Moura Santos; e o Estatuto Brasileiro de Museus, de 2009.

2. A partir de um diagnóstico foi realizado pela equipe de profissionais da Fundação e a Comissão de Reestruturação instituída pela UFRB. Sendo assim, auxiliou a traçar estratégias de ação que deu suporte à composição do Plano Museológico.

#### **Programa de Gestão**

Programa de Gestão conduzirá o desenvolvimento e a gestão política, técnica, financeira e administrativa da Instituição, através das seguintes estratégias:

- Redefinição do regimento interno da instituição, adequando-o à nova realidade.
- Reestruturação organizacional e funcional, visando à eficiência e a eficácia no cumprimento de metas estabelecidas.
- Elaboração de convênios e parcerias, para capacitação de recursos e também aferição de receita própria, buscando a sustentabilidade.

- Estabelecimento das relações institucionais em redes temáticas nacionais e internacionais, participação em organizações nacionais e internacionais.

### **Programa Ambiental**

Este programa abrange um conjunto de ações destinadas a inserir a Fundação Hansen Bahia nas discussões contemporâneas sobre meio ambiente. Uma rápida análise da obra de Hansen revela o quanto era profundo o envolvimento do artista com as questões relativas ao meio ambiente.

### **Programa Arquitetônico**

O Programa Arquitetônico tratará da identificação, da conservação e da adequação dos espaços livres e construídos, bem como das áreas de entorno da instituição, contendo descrição dos espaços e instalações, além de informar sobre os aspectos de acessibilidade, conforto ambiental, circulação, identificação visual e possibilidades de expansão. Estão inclusos neste programa o planejamento urbanístico e histórico e os aspectos, técnicos, como estudos de terreno, condicionantes climáticos.

### **Programa de Pesquisa**

A obra de Hansen Bahia ainda carece de estudos aprofundados que a situe historicamente no contexto dos movimentos artísticos contemporâneos. É neste sentido que se justifica a adoção de um programa de pesquisa institucional. A ideia é fazer com que a pesquisa e a investigação integrem o conjunto de atividades desenvolvidas no âmbito da FHB. O que se pretende é que a FHB se transforme em um espaço de produção de conhecimento permitindo, assim, a reflexão sobre os significados da obra de Hansen e sua esposa Ilse Bahia e ampliando o conhecimento sobre o significado de suas produções artísticas.

Além disso, é preciso entender também os “modos de fazer” do artista. A ideia é que a FHB possa receber pesquisadores e estudantes que reflitam sobre as técnicas e os recursos materiais e simbólicos que o artista lançou mão para produzir

suas obras. Coerente com o que concedeu Hansen Bahia, a ideia é que a FHB seja também um lugar de reflexão e formação de novos talentos da xilogravura.

### **Programa de Comunicação**

O Programa de Comunicação é fundamental para divulgação das leituras contemporâneas do legado artístico de Hansen Bahia. Desse modo, fica claro que a FHB deve disponibilizar o mais amplo acesso aos seus espaços físicos e acervo, atuando como espaço de fruição, conhecimento e afirmação de identidade sociocultural de todas as seus frequentadores.

### **Estratégia para operacional do Programa de Comunicação**

- Elaborar um Plano de ação para o setor
- Estimular através de suas exposições, interesses para investigar, explorar e interpretar em diferentes contextos as diversas possibilidades do acervo.
  - Experimentar conteúdos que visem à formação de um quadro de referências teóricas para pesquisa e investigação sobre os artistas e sua obra.
  - Desenvolver estratégias de aproximação entre a instituição o público.
  - Criar projetos para dinamizar as exposições de longa duração e o cronograma anual de exposições de curta duração e/ou itinerante.
  - Criar mecanismos que promovam a acessibilidade aos mais variados públicos nas três unidades da Fundação.
  - Criar roteiros de visitação que incluam as três unidades, atendendo as necessidades da rede pública e particular de ensino, das comunidades isoladas e do turístico.

### **Programa de Ação Cultural e Educativa**

O programa de Ação Cultural e Educativa deve ser desenvolvido a partir de quatro vertentes específicas: Projetos com as comunidades (áreas de entorno da fundação, bairros da cidade de Cachoeira e São Felix, municípios do Estado da

Bahia e outros Estados do Brasil) objetivando alcançar a abrangência das atividades da Instituição; projetos com Rede de Ensino nas mais diversas categorias; projetos envolvendo empresas de Turismo (devido à localização da Instituição em rota de alto índice turístico, como foi observado na pesquisa diagnóstica); e projetos de ações culturais específicos, destacando o novo perfil adotado pela FHB, que inclui a utilização de seus espaços para atividades de cinema, música, dança, teatro, simpósios, seminários, fóruns, etc.

Estratégias para operacionalização do Programa Ação Cultural e Educativa:

- Elaborar um Plano para cada setor
- Planejar o orçamento anual para o setor
- Estimular e promover a capacitação e o treinamento dos monitores
- Preparar o cronograma anual de atividade do setor
- Pesquisar aspecto referente às atividades turísticas desenvolvidas nas localidades
  - Promover cursos de capacitação dos professores das redes públicas e particulares do Recôncavo para o desenvolvimento das ações educativas
  - Criar redes de informações entre a Fundação e Instituição de Ensino
  - Elaborar material didático a ser trabalhado com educadores e educandos que visitam a instituição
- Definir o material necessário ao setor e ao desenvolvimento das ações programadas
  - Realizar a avaliação anual dos programas desenvolvidos pelo setor

### **Programa de Marketing**

O programa de Marketing deve abarcar a disseminação, difusão e consolidação da imagem institucional nos âmbitos local, regional, nacional e internacional. Além disso, divulgar e popularizar os projetos e as atividades desenvolvidas no âmbito da instituição. Tais ações podem ser desdobradas em diferentes subprogramas, tais como editorial, de intercâmbio institucional, de comunicação visual e outras.

Com base nos conceitos centrais do Marketing o programa buscará promover a instituição com base na interação entre o público e o acervo.

Assim, o programa de Marketing deverá desencadear as seguintes ações:

- Estudos de Marketing com visitas à divulgação da FHB e das obras dos artistas.
- Campanhas de publicidade (folder, banner, outdoor, etc.).
- Publicações que reflitam sobre a arte da xilogravura e a inserção de Hansen.
- Cursos, conferências, palestras, fóruns, seminários.
- Página web (site) divulgando o acervo e as atividades da FHB.
- Produtos comerciam.
- Participação em redes temáticas.

### **Missão**

A fundação Hansen Bahia tem como missão preservar, pesquisar e comunicar a arte da gravura a partir do legado de Ilse e Hansen Bahia.

#### **4.1. INTERFACES DO PÚBLICO VISITANTE DA FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA NA CIDADE DE CACHOEIRA**

É necessário, antes de tudo, fazer-se inferência sobre a definição da palavra pública. No geral, entende-se que público está normalmente referido ao povo, isto é, à coletividade. É uma palavra de origem latina, no qual o seu radical *publicus* tem como significado vinda do povo. Nesse caso, a informação de público tem sua genealogia pautada na questão de representar a sociedade, seja na condição política entre o Estado, como também sociedade civil. Tendo assim inter- relações com o poder do momento entre elas para que possam atuar como atores no âmbito social e perante a toda contextualização política.

Entende-se que a relação público/museu, de certa forma abre espaços para diversas formas de interpretações e para o sentimento de aproximação pelo público no que se diz respeito ao Patrimônio Cultural, deste modo, dentre outros fatores



relevantes, é objetivo da pesquisa e avaliação de público fazer refletir em relação a qualidade ou quantidade do público no espaço museal.

Os estudos de Bourdieu e Darbel têm servido de orientações para se ter referência em pesquisa de público. Nesses estudos, os autores conferem as características sócias e de escolaridade do público com suas atitudes sobre museus e preferências artísticas.

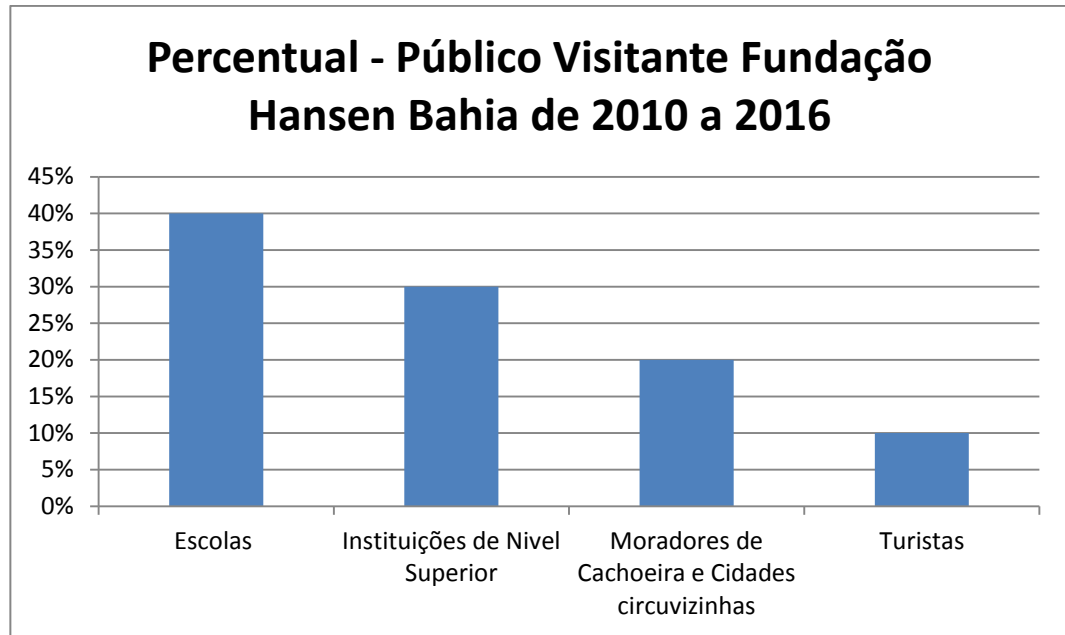
Para Almeida e Valente(2003) também pontuam sobre a relevância de se conhecer e avaliar o público de um museu e asseguram que: “os estudos de público atraído o interesse crescente de profissionais que atuam nos museus e se constituem, hoje, em aspecto cada vez mais relevante para o planejamento da instituição, refinamento de seus programas e atendimento ao público”. (p.129).

Coleção Falando de Ação Educativa em Museus, caderno 4 é inserido três tipos de públicos.

O primeiro que é o espontâneo que visitam as exposições sem agendar. Esse tipo de público é diversificado, porém percebe-se que é difícil de planejar ações, então o museu deve dispor de instrumentos que facilite a compreensão deste público, ou seja, textos e ou audiovisuais, folders e catálogos.

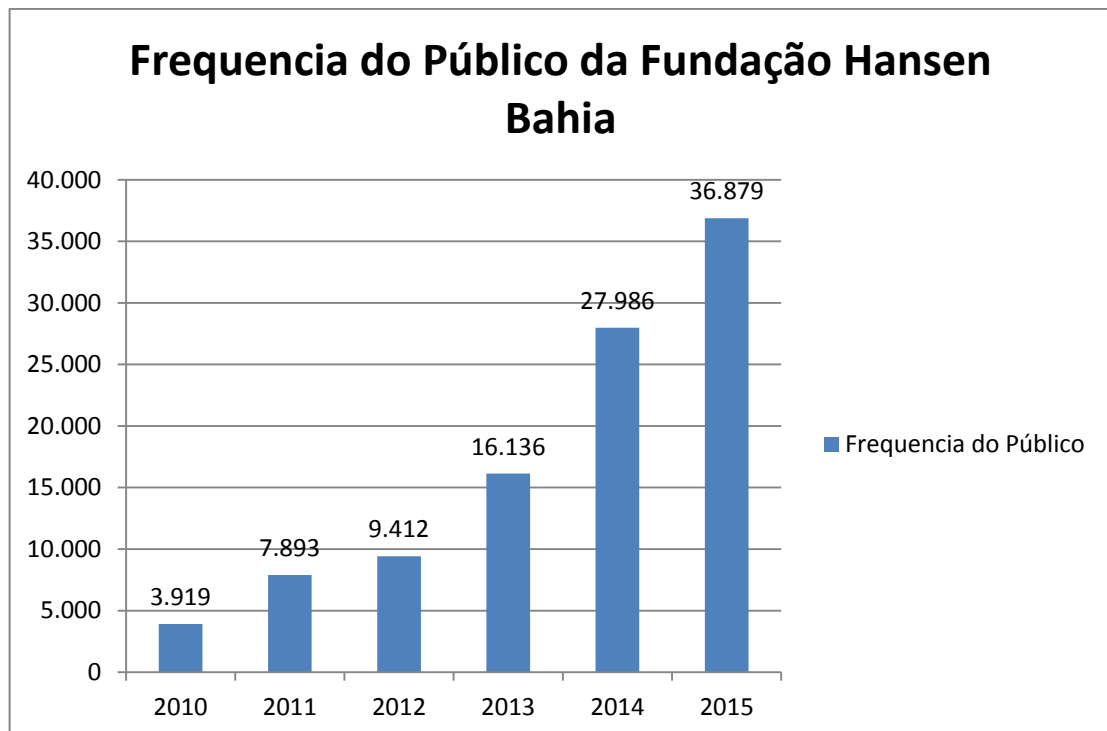
O segundo é o público agendado, composto pelos visitantes marcados com antecedência aos museus, podendo ser grupos de turistas, estudantes, grupos de convivência, entre outros. A diferença desse tipo para o espontâneo é o contato prévio do grupo com a instituição, sendo assim, as ações podem ser estruturadas em comum acordo. Algumas ações para este tipo de público pode ser planejadas, como oficinas e visitas orientadas.

O terceiro é o público escolar, que no Brasil representa mais ou menos 50% a 60% nos museus são grandes colaboradores no processo educativo do cidadão, cumprimento assim um papel de educação não-formal.



Fonte: Fundação Hansen Bahia

#### 4.2. ANÁLISE DO GRÁFICO



Fonte: Fundação Hansen Bahia

Visto este gráfico, observa-se, em primeiro lugar, uma progressão clara de ordem crescente, por demonstrar que após ao Plano Museológico 2010, o que ocorreu na Fundação Hansen Bahia, quanto ao público visitante. Assim, o sucesso do Plano Museológico somente poderá ser examinado se for continuamente estudado e ajustado conforme se percebam pontos negativos.

“A avaliação museológica é parte inerente do projeto de gestão, pois traz à luz da consciência o andamento das estratégias, métodos, técnicas, ações, propostas, posições, comportamentos etc. É a avaliação que única o cotidiano do museu ao projeto de gestão, ajustando- os reciprocamente para a eficiência e a eficácia. Para tanto, a avaliação deve ser praticada em todo museu e atingir diferentes níveis e planos, envolvendo seus atores (público interno e externo), ou seja, avaliar os métodos e estratégias, ações, atividades, produtos e serviços {...}” (CURY, p.33, 2009).

Foi conveniente utilizar para coleta de dados, uma técnica que melhor se ajustava aos objetivos deste trabalho monográfico. Foram analisados os livros de registros de visitas. A coleta de dados aconteceu em diferentes momentos. O primeiro momento, com de Instituições Educacionais (Redes: Pública e Privada e depois Nível Superior). Segundo momento, agendamentos; com a finalidade de avaliar o perfil do público, isto é, em relação a que este público pertencia.

Guapo (p. 22-23, 2010) afirma que museu é também destacado como veículo de comunicação de ideias e conhecimento como o público em geral. Devendo preparar para estar aberto à comunicação com qualquer indivíduo que o visite, independente da sua idade, gênero, religião, etnia, habilitações literárias, entre outros. Pois estes são espaços públicos nos quais é possível através do “prazer” da aprendizagem construir uma sociedade baseada no conhecimento

#### 4.3. DISCUSSÃO E RESULTADOS DE DADOS OBTIDOS

Foi conveniente utilizar para coleta de dados, uma técnica que melhor se ajustava aos objetivos deste trabalho monográfico. Foram analisados os livros de registros de visitas. A coleta de dados aconteceu em diferentes momentos. O primeiro momento, com de Instituições Educacionais (Redes: Pública e Privada e depois Nível Superior). Segundo momento, agendamentos; com a finalidade de

avaliar o perfil do público, isto é, em relação a que profissão este público pertencia  
GUAPO afirma que:

O museu é também destacado como veículo de comunicação de ideias e conhecimento como o público em geral. Devendo preparar para estar aberto à comunicação com qualquer indivíduo que o visite, independente da sua idade, gênero, religião, etnia, habilitações literárias, entre outros. Pois estes são espaços públicos nos quais é possível através do “prazer” da aprendizagem construir uma sociedade baseada no conhecimento (GUAPO, p.22-23, 2010).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, embasado tem como foco principal, o estudo do público visitante da Fundação Hansen Bahia. Analisaram-se dados estatísticos de forma global (Escolas, Instituições de Nível Superior, moradores de Cachoeira Cidades Circunvizinhas e turistas). Depois frequência do público visitante entre 2010 a 2015.

A presente análise busca, sobretudo, observar o porquê o nível de frequentadores que correspondeu em ordem crescente; isto é, levando em conta dentre outras questões relevantes, atuações de práticas socioculturais, que permitiram chegar a algumas conclusões pertinentes a partir da construção e implantação do Plano Museológico no ano de 2010, na Fundação citada acima. Sobretudo, em termos de tese, pode-se adotar a ideia de repensar quanto ao ato de interagir a Comunicação Museológica com o público, nos espaço museais.

Apesar de algumas práticas culturais serem efetuadas com metas e estratégias, após Plano Museológico 2010, a comunidade de Cachoeira, tem participado em pequeno número em diversos segmentos como: lançamento de livros, apresentações musicais, oficinas de xilogravuras, apresentações de grupos indígenas, seminários sobre questões relacionadas a matrizes africanas dentre outras programações. Entretanto, algumas ações culturais fizeram renascer a memória de determinado público como a exposição Cachoeira: Memórias retratando passado e presente do patrimônio cultural de Cachoeira. Segundo o gerente técnico da Fundação Hansen Bahia Senhor Jomar Lima disse em um jornal local na cidade em foco que: “A mostra já foi apresentada num recorte menor, há três anos, na Câmara de Cachoeira e que pensaram em reeditá-la e manter o mesmo recorte, refletindo sobre o antigo e o recente”.

Pode se observar que o Plano Museológico pela Fundação Hansen Bahia, segue as ideias de Varine pontuando que:

O desenvolvimento local, mesmo considerado em sua dimensão econômica, é antes de tudo um assunto de atores, e, sobretudo, de **atores locais**: político e funcionários, trabalhadores, quadros e dirigentes de empresas são membros de uma comunidade de vida e de cultura da qual compartilham – mesmo quando chegados há pouco ou quando é “veranista”, ou residentes temporários – o patrimônio humano, cultural, natural (p 18, 2012).

Porém, em um futuro próximo, será conveniente outra pesquisa mais detalhada e abrangente sobre os valores numéricos do perfil de cada visitante desta instituição.

Todavia, ficou perceptível detectar, os motivos que proporcionaram um elevado número de Instituições Educacionais na Fundação Hansen Bahia. Segue abaixo, o que pode justificar o crescente número de educandos nesta Fundação a partir do Plano Museológico 2010.

- Elaboração de um plano de ação para o setor educativo;
- Promoção de atividades turísticas desenvolvidas nas comunidades;
- Criação de redes de informação dos professores das redes públicas e particulares do Recôncavo para o desenvolvimento das ações educativas;
- Elaboração de material didático a ser trabalhado com educadores e educandos que visitam a Fundação;
- Realização de avaliação anual dos programas desenvolvidos pelo setor.
- Mini- curso: A Gravura (módulos II e III);
- Oficina de Formação de Contadores de Estória da cultura local - nas unidades de Cachoeira e São Félix;
- Parcerias com as seguintes Instituições Educacionais;
- Colégio Santíssimo Sacramento- Cachoeira;
- Colégio Estadual da Cachoeira;
- Lançamento de livros;
- Apresentações de corais;
- Conjunto de sinos da Faculdade Adventista da Bahia;
- Colégio Simonton – Cachoeira;
- Colégio Menino Jesus – São Félix;
- Biblioteca Municipal da cidade de Cachoeira

Vale ressaltar ainda, que a Fundação Hansen Bahia, executou e foi selecionada para desenvolver ações culturais em relação ao Patrimônio Material e Imaterial no Colégio Luís Viana Filho na cidade de Muritiba (BA); através da construção do Projeto a nível Federal “Mais Cultura”. Alguns monitores

desenvolveram tais ações, juntamente com a professora Iracema Ferreira da Silva para coordenar as atividades educativas deste Projeto.

No texto *A Dimensão Pedagógica e Social do Museu*, Mário de Souza Chagas, assegura que os museus precisam estar atentos ao entendimento do homem enquanto agente transformador de sua realidade. A função dos museus é colocá-lo diante dele mesmo, de provocar a sua reflexão, apontar caminhos, mas deixá-lo livre para decidir o seu próprio destino.

Então, é correto afirmar que o papel social dos museus pode ser avaliado através de sua ação junto ao seu público, ele de certa forma representa comunidade. Assim, ela participa das ações ou não há identificação com a sociedade. A proposta na ação educativa dos museus deve ser a da participação com a comunidade e pela comunidade também.

Percebe-se claramente, neste trabalho que ainda falta muito para que os públicos de um modo geral comecem a reconhecer, valorizar e entender a importância de conseguir conhecimentos culturais, promovidos pelas Instituições que promovem culturas diversas, é o que acontece na Fundação Hansen Bahia. Parece que não se alcançou até hoje, uma política que incentivasse toda uma sociedade do valor de adquirir conhecimentos relacionados a ações culturais. Porém, é indiscutível que esta palavra “cultura” não caiu em desuso e ainda existe produção de cultura a todo o momento. Essa é certamente uma boa notícia.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. **Plano Museológico – Marco Regulatório da Gestão Museal no Brasil.**

BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de curiosidades e museus: sobre tradição e rompimento. **Anais do Museu Histórico Nacional.** Rio de Janeiro, v. 28, p. 8-19, 1996.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: **Um desafio para a Gestão pública.** São Paulo, n. 43/44, 2004.

BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. O amor pela arte: **Os museus de arte na Europa e seu público.** 2 .ed. São Paulo: ZOUK, 2007, p.238

Caderno de diretrizes museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição.

CENEDOM – Boletim – nº 35-2015. Disponível em: [www.museus.gov.br/wp.content/uploads/2015/08/CENEDOM-Boletins](http://www.museus.gov.br/wp.content/uploads/2015/08/CENEDOM-Boletins)

CHAGAS, Mário de Souza. Um novo (velho) conceito de museu. In: **Cadernos de Museologia.** Lisboa, nº 02, ULHT, 1993.

CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Ed. Paz e Terra, 1997.



GONÇALVES, Telma Lasmar. **A gestão do Patrimônio e dos Museus na Modernidade Contemporânea e as Práticas Turísticas**. Rio Janeiro: COPPE/UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. **Manual de museologia**. Madrid: Editorial Síntesis S.A, 2001

ICOM. Como gerir um museu: **Manual prático**. Paris: ICOM – UNESCO, 2004.

ICOM. Mesa –Mesa – Redonda de Santiago do Chile – 1972. In; **A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo- Documentos e Depoimentos**. São Paulo. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.

JULIÃO, Leticia. **Apontamento sobre história do Museu**. Cadernos de diretrizes Museológicas, 2006.

LIMA, Jomar. **Entrevista concedida pelo museólogo e gerente técnico da Fundação Hansen Bahia**. Bahia. Cachoeira: UFRB/CAHL, 2010, 84 f.

LOPES, Maria Margareth. A formação de museus nacionais na América Latina Independente. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 30, p.125-135.

Ministério da Cultura (Minc). Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). **Plano Museológico: Implantação, Gestão e Organização de Museus**. Brasília, DF: Minc/Ibram, 2008. (3º Fórum Nacional de Museus, 7 a 11 de julho de 2008. Florianópolis, SC). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ipcu/pc/apostila-plano-museológico>.

PÉREZ, Paco. **Tener um BuenPlan – La Hoja de ruta de toda colección: elplan museológica**. Espanha, Astúrias: TREA, 2010.

QUALIDADE. EM MUSEUS- ATRIBUTO OU IMPERATIVO? Actas do/ Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2, pp. 156-167.

Revista Época Ano IV, nº 194 – 4 de fevereiro de 2002

Revista Select – Ed. 16 Fev/Mar de 2014

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. **O lugar mítico da memória. Morpheus Revista Eletrônica em Ciências Humanas.** Ano 01, nº 01, 2002.

RUSSIO, Waldisa. O deságio museológico. Metodologia da museologia, s/d.

SANTOS, M.<sup>a</sup> Célia Teixeira Moura. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus.** Universidade Federal da Bahia Edições, 1990.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Cadernos de Sociomuseologia.**Nº18 – Lisboa, 2002

SANTOS, Myriam Sepúlvida. **A escrita do passado em museus históricos.** São Paulo: Garamond, 2007.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: brasiliense, 1986

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Hugues de Varie; trad. Marida de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VICTOR, Isabel. **Os Museus e a Qualidade- Distinguir entre museus com “qualidades”e a qualidade em museus,** Lisboa, Cadernos e Sociomuseologia nº 23, Edições – Universitárias Lusófonas